

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SANDY PEREIRA DIAS

**O ENSINO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E DILEMAS DE
UM NOVO NORMAL**

**TABATINGA - AM
2021**

SANDY PEREIRA DIAS

**O ENSINO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E DILEMAS DE
UM NOVO NORMAL**

Trabalho de conclusão de curso – TCC,
apresentado como requisito à obtenção
do grau de licenciado em Pedagogia pela
Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Cleuter Tenazor Tananta

**TABATINGA – AM
2021**

SANDY PEREIRA DIAS

**O ENSINO ESCOLAR NA PANDEMIA DO COVID-19: DESAFIOS E DILEMAS DE
UM NOVO NORMAL**

Aprovado em _____ de _____ 2021

BANCA AVALIADORA

**Prof. Dr. Cleuter Tenazor Tananta
Orientador – CESTB**

**Prof. Ma. Rosi Meri Bukwtiz Jankauska
Centro de Estudo Superiores de Tabatinga – CESTB**

**Prof. Me. Raimundo Mendes de Souza
Centro de Estudo Superiores de Tabatinga – CESTB**

Dedicatória

Dedico a todos que direta e indiretamente, construíram e fizeram desse sonho uma realidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar minha gratidão a Deus, Ele que é o dono do mundo e também é meu pai e meu tudo, por ter me abençoado com saúde e com pessoas maravilhosas que acompanham minha trajetória de perto.

À minha base, que é a minha família, principalmente à minha mãe Delícia Rios Pereira e ao meu pai Jorge Cias Dias, que sempre me apoiaram e me incentivaram independente das minhas escolhas. Ao meu filho pelas incansáveis horas que fiquei sem dar atenção a ele, valeu a pena todo esforço, minha maior motivação. Aos meus irmãos, por estarem torcendo sempre por mim.

À minha segunda família, com os quais eu moro atualmente, avó paterna do meu filho e demais pelo incentivo e apoio, por insistirem na realização desse sonho.

Ao meu orientador Cleuter Tenazor Tananta, que me conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo seu vasto conhecimento, meu eterno agradecimento.

E por último, agradeço à todos que contribuíram de alguma forma nessa trajetória acadêmica, principalmente aos professores, que me inspiraram e contribuíram para a minha formação.

Epígrafe

“Com sabedoria se constrói a casa, e com discernimento se consolida. Pelo conhecimento os seus cômodos se enchem do que é precioso e agradável”.

(Provérbios 24: 3-4)

RESUMO

Este trabalho intitulado “O ENSINO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E DILEMAS DE UM NOVO NORMAL”, foi escolhido por se tratar de um tema novo, um cenário no qual todos os setores sociais principalmente o educacional o qual trataremos com a atenção nesta pesquisa, atravessam grandes desafios em consequência a Covid-19. Com o objetivo de abordar sobre os desafios do ensino em tempo de pandemia, que foi um período bastante delicado a todos, e principalmente ao ensino que passou por inúmeros problemas se tornando até mesmo uma crise em nosso modelo de educação. Os objetivos específicos são investigar estudos referentes ao sistema educacional no cenário atual e analisar a transição das atividades presenciais para as atividades remotas mediante a tecnologia. A metodologia para desenvolver este trabalho foi de revisão bibliográfica, alinhada por inúmeras literaturas, abordadas por pesquisadores que discutem, analisam e trazem reflexões recheadas de possibilidades sobre o desafio encontrado nesse contexto de pandemia. Ora, permeiam e recorrem às tecnologias para superar esses desafios. Fazendo um breve apanhado nas análises e discussões, tecendo possíveis comentários sobre o que fazer para acatar melhores condições para agregar aos fatos recorrentes. Por fim, as considerações finais ressaltam-se o quão é fundamental ter acessibilidade e estar acompanhando o meio tecnológico, como uma ferramenta e recurso extremamente essencial no fazer pedagógico mediante ao ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Pandemia; ensino; aprendizagem.

RESUMEM

Este trabajo se titula “LA EDUCACIÓN ESCOLAR EN LA PANDEMIA DEL COVID-19: RETOS Y DILEMAS DE UNA NUEVA NORMAL”. Para afrontar los retos de la docencia en una época de pandemia, que fue un período muy delicado para todos, y especialmente para una docencia que pasó por numerosos problemas, llegando incluso a convertirse en una crisis en nuestro modelo educativo. La metodología utilizada para desarrollar este trabajo fue una revisión bibliográfica, alineada con numerosas literaturas, abordada por investigadores que discuten, analizan y aportan reflexiones llenas de posibilidades sobre el desafío que se encuentra en este contexto pandémico. Sin embargo, impregnan y recurren a tecnologías para superar estos desafíos. Hacer una breve reseña de los análisis y discusiones, posibilitando comentarios sobre qué hacer para aceptar mejores condiciones para agregar a los hechos recurrentes. Finalmente, las consideraciones finales resaltan lo esencial que es tener accesibilidad y seguimiento del entorno tecnológico, como herramienta y recurso sumamente imprescindible en la práctica pedagógica a través de la enseñanza y el aprendizaje.

Palabras Clave: Educación; Pandemia; enseñando; aprendiendo.

LISTA DE SIGLAS

COVID-19 –Corona Virus

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

OMS - Organização Mundial da Saúde

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacional

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	14
1. As escolas durante a Covid-19.....	14
2. Os desafios da cultura digital da inovação no ensino	18
3. Os impactos da retomada escolar na vida dos alunos.....	23
4. O Ensino híbrido.....	25
5. As aulas remotas.....	28
6. Mudanças de paradigmas na sala de aula	32
CAPITULO II - METODOLOGIA.....	36
CAPÍTULO III – ANÁLISES E DISCUSSÕES	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O novo coronavírus trouxe ao mundo múltiplos efeitos nos mais específicos âmbitos da sociedade. Com a pandemia, inúmeros processos têm se modificado e/ou se (re)adaptado. Trata-se do “novo normal”, como vem sendo chamado nas mídias. Este tema foi escolhido por se tratar de uma realidade atual, onde o mundo principalmente o Brasil, passa por grandes mudanças em diversos setores, em destaque nesta pesquisa o sistema educacional que atravessa os desafios para o ensino em virtude do novo Coronavírus (COVID-19), que por orientações feitas pela Organização Mundial da Saúde dentre elas o distanciamento social, em consequência a paralização das aulas presenciais acaba prejudicando o ensino e a aprendizagem de milhões de estudantes em todo o país.

No ano de 2020 vimos o Brasil e o mundo passar por grandes dificuldades em virtude da crise sanitária causada em decorrência de um vírus respiratório, nomeado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como doença do coronavírus 2019 (COVID-19). Há diversas formas de contaminação pelo vírus, com alta taxa de transmissão e um percentual elevado de letalidade.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi declarado no dia 09 de março de 2020 que a COVID-19 é uma doença infecciosa provocada por vírus que se propaga em humanos, sobretudo através de gotículas desenvolvidas quando uma pessoa contaminada espirra, fala ou tosse. Passado dois dias, foi comunicado pela OMS que a COVID-19 se denominava como pandemia, devido aos mais de 118 mil infectados, em 114 territórios à princípio, dos quais 4.291 pessoas vieram a óbito (OMS, 2020). Nesse contexto surge a urgente necessidade de toda a sociedade se mobilizar e buscar se adaptar as mudanças afetadas no cenário mundial em seus mais diversos campos, consequentemente nas áreas econômica, política, social e inclusive no sistema educacional.

As principais medidas para se evitar a propagação do vírus, orientadas pela OMS, são o uso de máscara, a higienização constante das mãos e dos materiais pessoais, o distanciamento social e a quarentena.

Segundo (Médici; Tatto; Leão, 2020, p.45), esclarece:

O distanciamento social tem impactado diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente na educação, causando o afastamento presencial de professores e alunos. Essa medida muito importante para o controle da propagação da doença passou a ser incompatível com a rotina da escola. Visto que existe enorme dificuldade de conter a proximidade entre pessoas

que circulam no mesmo ambiente escolar, além da característica estrutural das salas, muitas vezes lotadas, que proporcionam as aglomerações, tornando assim impossível a realização de aulas presenciais.

Gestores e professores dos diversos estabelecimentos de ensino, então, têm buscado auxílio nas tecnologias da informação e comunicação (TIC) como alternativa de ensino para manter os alunos, mesmo fora da escola, interessados e aprendentes dos conteúdos escolares, neste momento de crise. Essa necessidade de adaptação, reinvenção e superação pelos profissionais da educação, ancora-se no pressuposto que a educação não pode parar e devem ser consideradas estratégias ativas que não permitam o cancelamento do ano letivo escolar.

O presente trabalho propõe-se a apresentar algumas considerações acerca da educação durante a pandemia; de modo a investigar estudos referentes ao sistema educacional no novo cenário atual modificado pela COVID-19; e analisar a trama discursiva que se constituiu a partir da necessidade de adaptação das atividades presenciais para atividades remotas, com foco no uso das tecnologias da informação e comunicação. O tipo de pesquisa feita para realização deste trabalho foi de revisão bibliográfica, por meio de livros e artigos científicos discutidos por pesquisadores sobre o contexto de pandemia.

Diante do cenário atual imposto pela pandemia da Covid-19, é necessário pensar e buscar por soluções que possam tentar amenizar os “prejuízos” na educação causados pela paralização das aulas presenciais. Reajustar o sistema educacional para que não fuja da realidade atual do ensino em tempos do novo normal.

O seguinte trabalho está estruturado em três capítulos, como apresenta-se a seguir:

O capítulo I aborda o referencial teórico, na qual apresenta ideias consistentes dos autores que contribuíram grandemente no decorrer do trabalho, impuseram e destacaram com todas as informações necessárias e evidentes para que pudéssemos referenciar o trabalho.

O capítulo II destaca-se a metodologia que conduziu a pesquisa, como a pesquisa bibliográfica, no intento de delinear melhor os dados descritos pela literatura.

O capítulo III apresenta-se uma parte argumentativa dos teóricos em relação ao olhar do pesquisador, havendo sempre uma troca conversada.

Por fim, as considerações finais, tecendo um panorama dos desafios e dilemas que sobre o contexto da educação que ora culminou em paradigma ainda maior para as escolas e principalmente ao ensino e aprendizagem. Buscou-se por meio deste colaborar com esse novo período da educação na qual estamos passando, com esta literatura a uma possibilidade de superar essas necessidades no contexto do ensino.

CAPITULO I- REFERENCIAL TEÓRICO

1. As escolas durante a COVID-19

Pouquíssimas pessoas imaginavam uma pandemia com a gravidade que a COVID-19 alcançou. Como consequência disso, praticamente organização nenhuma estava preparada para lidar com as consequências impostas pelo distanciamento e isolamento social. Dessa forma, as rotinas cotidianas foram modificadas ao redor do mundo, e com isso diversas ações foram implementadas com fins a controlar a propagação da doença, a principal delas o distanciamento social que em suma pode ser esclarecido como:

Distanciamento social é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. É uma estratégia importante quando há indivíduos já infectados, mas ainda assintomáticos [...], que não se sabem portadores da doença e não estão em isolamento. Esta medida deve ser aplicada especialmente em locais onde existe transmissão comunitária, [...], quando a ligação entre os casos já não pode ser rastreada e o isolamento das pessoas expostas é insuficiente para frear a transmissão. [...] O distanciamento social pode ser ampliado (não se limita a grupos específicos) ou seletivo (apenas os grupos de maior risco ficam isolados – idosos, imunodeprimidos, pessoas com doenças crônicas descompensadas). (URFGS, 2020, online)

A necessidade de ações para contenção da contaminação do novo Coronavírus causou mudanças bruscas de comportamentos nos mais diversos segmentos da sociedade, tais como, no lazer, no trabalho, na mobilidade, na convivência social e no sistema educacional, que necessitou estabelecer uma nova perspectiva para conseguir se adaptar a esse novo aspecto social. No que se refere a área educacional:

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), agência da ONU responsável por acompanhar e apoiar a educação, comunicação e cultura no mundo, a pandemia da COVID-19 já impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países – o que representa cerca de 91% do total de estudantes no planeta, os quais enfrentam, como consequência, interrupções no desenvolvimento escolar. (UNESCO, 2020, on-line).

Ainda de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020, p. 30):

No dia 18 de março de 2020, confirmou que 85 países fecharam totalmente as atividades presenciais para amenizar o contato com o novo Coronavírus, atingindo 776,7 milhões de jovens e crianças estudantes, sendo assim, foi optado pelo ensino

completamente à distância, decisão tomada após discussão ocorrida em evento que os governos de 73 países participavam virtualmente.

Em meio a todas as catástrofes provocadas por essa pandemia do coronavírus, a área educacional tem sofrido grande impacto, com a paralisação das aulas em todas as escolas, tanto públicas como privadas, tem atingido pais, discentes, professores e toda a comunidade escolar, em todos os níveis de ensino. Que segundo (Médici; Tatto, Leão, 2020, p. 48), ressalta:

Situação que interfere na aprendizagem, desejos, sonhos e perspectivas de muitos discentes, provocando um sentimento de adiamento de todos os planos no contexto educacional. Vale destacar que essa mudança gerou uma interferência na vida de todos, variações na rotina de trabalho e ocupações.

O distanciamento social e as aulas presenciais suspensas impuseram um momento de reflexão para toda a comunidade escolar. Com a paralisação forçada, professores, pesquisadores e gestores da área da Educação buscam meios de inovar o ensino.

Nesse contexto, a comunidade tem buscado soluções para que a educação seja viável de outro jeito. “Para isso, é importante buscar novos métodos de ensino que permita manter as orientações da OMS sobre o isolamento social. Uma das soluções mais debatidas nesse contexto é a utilização de tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC).” (MÉDICI; TATTO; LEO, 2020, p.40).

Com a paralisação compulsória, o uso das tecnologias educacionais para que fosse possível a realização das atividades escolares não presenciais, vieram, inevitavelmente, ao centro do debate. É importante destacar, logo nesse primeiro momento, que a disponibilização de tais ferramentas distancia-se do conceito de Educação a Distância (EAD). Contudo, diante da situação atual emergencial, Governos Estaduais e Municipais, depararam-se com a necessidade da prática de EAD, sendo preciso concentrar esforços na preparação dos educadores para o desenvolvimento de situações de aprendizagem remota, que, em geral, estão sendo mediadas pelo uso das tecnologias. Diante disso, foi imposta, por parte dos docentes, a capacidade de experimentar, inovar, sistematizar tal conhecimento e avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos, fazendo o melhor uso possível dessas ferramentas, cujo uso, até então, eram desconhecidos para muitos.

De acordo com Seabra (2013, p.38), “historicamente os aparelhos móveis são inimigos da educação por provocar a distração em sala de aula, no entanto, esses aparelhos eletrônicos podem passar de vilão para mocinho, dependendo da

utilização dos mesmos no processo de aprendizagem.” Atualmente, alguns dispositivos passaram a ser vistos como parceiros, por possibilitar as informações.

Por essa razão, “a opção de mais relevância nessa situação de pandemia, é a utilização de mecanismos presentes na Educação à Distância (EAD), como a utilização das TDIC, para atuar como meio de comunicação entre estudantes e docentes, possibilitando com que não exista interrupção nos estudos, permitindo a realização de um Ensino Remoto emergencial.” (MÉDICI; TATTO; LEAO, 2020, p.35).

Diante dessa nova realidade imposta pela COVID-19, Rosa (2020, p.47), diz que:

Abriu-se um critério histórico para a educação através da tecnologia, no ensino remoto, que prosseguiu em nosso país por meio do reconhecimento do Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação (MEC) atribuindo que a carga horária disponibilizada nessa modalidade de ensino é absolutamente válida.

Porém, esses novos desafios mostram o despreparo de toda a comunidade escolar para um cenário em que a tecnologia pode ser um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois a maioria das escolas não contam com o suporte necessário para o oferecimento do ensino remoto ou a distância. E tão rapidamente, de forma inesperada as escolas precisaram buscar e encontrar maneiras de se adaptar a essas tecnologias. Além disso, poucos professores tiveram a formação adequada para lecionar a distância. Preparar uma aula remota é bem diferente da prática presencial de sala de aula, a interação com os alunos é outra, a forma de comunicação com familiares muda e o conhecimento das tecnologias educacionais é necessário.

O que acontece é que outro problema que ganhou mais evidencia com a pandemia do Coronavírus, é a desigualdade social e de acesso a tecnologias, o que na área da educação causa um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet dentro de casa.

Nesse contexto, para (ALVES, 2020, p.348-365):

A sugestão de educação remota na rede pública como um todo, pode ser percebida como um grande equívoco, pois, inviabiliza o acesso ao conhecimento da classe social menos favorecida, por não ter acesso às tecnologias digitais ou não possuírem condições de moradia adequada para acompanhar de maneira satisfatória os momentos de aulas virtuais, pois, moram em residências pequenas com poucos espaços apropriados para poder estudar.

Contudo, as tecnologias educacionais são a principal solução para a situação que vivemos e de maior potencial de inovação na maneira como ensinamos crianças e jovens, mas, que infelizmente está longe de ser igualitária.

No momento atual imposto pela pandemia, “os docentes, num contexto de extrema urgência, tiveram que passar a organizar aulas remotas, atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientam pelos princípios da educação presencial” (ROSA, 2020, p.52), necessitando de habilidades e conhecimentos com várias ferramentas voltadas para o manejo tecnológico, como, por exemplo: Google Meet, Plataforma Moodle, Chats e Live. Ainda de acordo com (ROSA, 2020, p. 54), “a proposta de educação ofertada por meios tecnológicos sempre trouxe alguns obstáculos, principalmente pela falta de preparo/capacitação dos professores no manuseio de suportes tecnológicos”.

. Goldbach e Macedo (2007, p.30), relatam que:

É muito importante que os cursos de atualização dos docentes proporcionem várias estratégias de ensino modernas, como o uso de equipamentos de informática, para aperfeiçoar o modo de ensino. Inesperadamente, por conta da pandemia do novo coronavírus, os docentes passaram a ajustar os planos de aula, focalizar em novas estratégias e adaptaram os espaços nas suas casas tentando assim adequar o ensino presencial a realidade do ensino desenvolvido a distância.

No entanto, isso tem sido motivo de preocupação dos governos e das instituições de ensino. Pois, estamos frente a um novo desafio que é “oferecer ensino remoto, desde o fornecimento de conteúdos e apoio a professores, até orientar as famílias a enfrentar os desafios de conectividade” (UNESCO, 2020, online). Estamos diante de diferentes tempos, diferentes espaços, ambientes diferentes de aprendizagem (os quais nem sempre possuem as condições ideais) e, além disso, muitos estudantes possuem condições desiguais de suporte e acesso às tecnologias.

As mudanças que o mundo levaria décadas para passar, que levaria muito tempo para serem implementadas voluntariamente, estão sendo colocadas em prática no susto, em questão de meses ou até mesmo dias. No entanto, mesmo antes da pandemia do novo coronavírus já se pensava sobre os avanços dos rumos da educação:

Os desafios sociais são tão gigantescos, as mudanças e em fase de implementação são tão dramáticas em todos os setores, que estão pressionando violentamente a educação escolar por novas soluções em todos os níveis: nos valores, na organização didático-curricular, na gestão de processos. Estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar processos

de ensino-aprendizagem em todos os níveis de ensino, que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento.” (MORAN, 2000, p. 15)

Porém, as mudanças que demorariam mais do que alguns pensam para acontecer, estão sendo impostas tão rapidamente para tentar dar continuidade aos estudos de crianças e jovens neste período de pandemia. Apesar de todos os esforços engajados nestas ações, seja em escala nacional ou mundial, os sistemas de ensino têm encontrado grande fragilidade na educação. Vale ressaltar, que as desigualdades tornaram-se mais evidentes com a pandemia do novo coronavírus, demonstrando o quanto ainda há por se fazer até que alcancemos um patamar de equidade no atendimento a educação – no caso específico do Brasil, fazendo valer o que rege a Carta Magna do País, que garante o acesso igualitário à educação como direito social.

Segundo Carlota Boto (2008, p.36), professora da Faculdade de Educação da USP:

[...] a escola, devido a pandemia provocada pelo corona vírus, finalmente chegou ao tempo da computação e da internet. Caberá às Faculdades de Educação, às Secretarias de Educação, enfim, a todos os educadores comprometidos com a educação pública integrarem e interpretarem esse processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca ficará para trás. São tempos muito tristes estes, que, no entanto, nos trouxeram uma oportunidade pedagógica. Há de se avançar e olhar para frente.

Diante desse cenário, as instituições de ensino tiveram que se adaptar a nova realidade repentinamente e a tecnologia foi de grande importância nesse momento. O ensino à distância é fantástico e extremamente vantajoso no mundo atual, porém mudar abruptamente do ensino presencial para o ensino online, sem nenhum tipo de planejamento, trouxe inúmeros desafios e consequências. Falaremos mais sobre os desafios no tópico seguinte.

2. Os desafios da cultura digital da inovação no ensino

Um dos grandes desafios que acompanham o professor hoje na sala de aula é a presença de tecnologias entre outros velhos problemas vem desafiando o sistema educacional, exigindo que a escola repense a normatização do sistema de ensino, redimensionando suas funções e buscando novas referências para que o

espaço escolar torne-se um espaço fecundo que dialogue direta e indiretamente com seu tempo.

Pesquisas desenvolvidas por inúmeros estudiosos de renome nacionais e internacionais como Kensky (2007), Moran (2009), Mercado (2002), Sibilia (2012), Baumam (2008) entre outros. Todos apresentam enormes contribuições significativas para o avanço da educação através dos estudos e reflexões em suas teorias que norteiam os desafios contemporâneos.

Todos esses autores tem um olhar por diferentes vertentes, apontando em suas críticas, falhas e limites, bem como estratégias de superação na crise da educação que passamos por esse momento tão delicado. As críticas relacionadas a educação é atribuída como meio social de controle, a educação como espaço de disputas e sobre a forma desconectada com que o processo de ensino e a aprendizagem é conduzida nos ambientes escolares.

Tais crises comprometem e ocasionam indicadores baixíssimos em avaliações educacionais, analfabetismo entre outros que acarretam prejuízos aos alunos e professores no decorrer do seu processo. Recorrente a isso, é possível constatar que vivemos uma forte crise de paradigmas, conseqüentemente uma crise de identidade, atravessando o século XX e chegando ao século XXI de forma avassaladora e urgente.

Aqui cabe ressaltar como a tecnologia é fundamental e importante para todas as questões nos dias atuais. Ressaltando o pesquisador Forquin, em sua obra publicada em 1993 intitulada Escola e Cultura, destaca que a crise na educação reside na sua função específica da transmissão cultural, manifestada de geração em geração em todos os espaços e tempo, não sendo diferente na escola. Desta forma, o que é imperioso abordar que as teorias da educação consideram os conteúdos, os saberes e as práticas cotidianas dos seus atores.

Percebe-se que esse comportamento de mudança social devido ao acesso tecnológico tornou-se as pessoas mediante a passividade, mas do que expectadoras frente a um modelo de interação que busca romper fronteiras.

Segundo (Castells, 1999, p. 56), destaca que:

A cultura da sociedade informais como a cultura da “virtualidade real”, em que não existe uma separação rígoreida entre realidade e representação simbólica, que leva à constituição de outro estilo de vida à transformação das dimensões espaciais e temporais dos processos sociais.

Neste contexto, os desafios recorrentes na educação, especificamente em sala de aula, frente a esse novo modelo de sociedade mediado pelos avanços tecnológicos é notório o fluxo de informações que causam mudanças recorrentes cada vez maiores e desafiador. O ensino, a escola e o professor precisa se reinventar de modo a permitir uma ampla participação, uma vez que todas informações e inovações a esse universo, compreendendo que esse processo de construção do conhecimento não pode ficar parado, limitado a suas condições reais de aprendizagem.

Evidentemente, enquanto o mundo se apresenta cada vez mais aberto com os recursos tecnológicos que lidam com o saber e com o imaginário, a escola ainda se estrutura em tempos e espaços fechados e ignorando as inovações e sua interferência na realidade em que estamos inseridos, e percebe-se que o ensino e a escola encontra-se em crise, essa crise não apenas estrutural, mas também de identidade.

Na visão de Baumam (2012, p. 25), adverte:

A atual crise educacional é, antes e acima de tudo, uma crise de instituições filosofias herdadas. Criadas para um tipo diferente de realidade, elas acham cada vez mais difícil absorver, acomodar e manter as mudanças sem uma revisão meticulosa dos marcos conceituais que empregam.

Pelo exposto, é nessa estrutura que a educação, o ensino e a escola caminham, com maior rigidez e pouco diálogo. É necessário pensar e agir para que os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam entendidos e atendidos em sua totalidade para que os espaços de ensino sejam condizentes. Os espaços devem ter claramente seus propósitos e práticas mediante aos seus significados. É preciso entender o sentido da educação para que possam construir evidencias considerando a realidade cultural de todos, acima de tudo as suas demandas reais.

Kensky (2003, p. 42) menciona que, “os novos desafios acompanhados pelo desenvolvimento das tecnologias dão origem as novas formas de aprendizagem. São comportamentos, valores e atitudes requeridas socialmente neste novo estágio de desenvolvimento da sociedade”. Desta forma, as mudanças que estamos passando deveriam está associada e acompanhada pelo contexto escolar, visto que essas transformações afetam diretamente o que vivemos e conseqüentemente o

que aprendemos. Visto que, as redes virtuais e as mídias sociais são uma realidade cada vez mais presente no dia a dia da sociedade. Tais atividades humanas se apresentam culturalmente alteradas pela transversalidade, tornando-se imprescindível essa conexão com as tecnologias.

Para tais contribuições dessa literatura, Sibilia (2012, p. 181), discorre sobre tais utilizações pedagógicas “enquanto os discentes de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicas”. Isso explica o anacronismo os espaços educacionais. Por isso, é necessário pensar os discentes como sujeitos ativos e repensar o espaço escolar, no qual as ferramentas digitais apareçam e aliam a construção do conhecimento para o desenvolvimento das habilidades e inteligências cognitivas.

Nesse contexto, todos os recursos como meio na utilização para fins pedagógicos traz um grande potencial inovador, proporcionando com todas as virtualidades o acervo de conhecimento em ambientes educacionais. Porém, sabe-se que o século XXI apresenta-se como uma nova de educação devido ao acelerado processo inovador com que as tecnologias adentram na vida das pessoas.

De fato, as tecnologias estão cada vez mais presentes nos espaços educacionais, e essa cultura digital encontra inúmeras barreiras e resistência em dialogar com a cultura escolar. Essas mudanças evidenciam nos aspectos de produção de identidade e de subjetividade.

Para Moran (2009, p.56) destaca, “que a tecnologia digital tem adentrado o ambiente educacional de forma avassaladora e desenfreada atingindo todos os sujeitos envolvidos”. Com esses eventos de transformações e mudanças criou-se uma expectativa de que as tecnologias apresentariam soluções rápidas para solucionar os problemas e a crise na educação. No entanto, surgiram pontos criticamente que não foram pensados em minimizar a partir de ações desenvolvidas presentes em todos os momentos da vida.

Diante de tais situações é preciso se pensar políticas públicas voltadas a diminuir essa distância entre esses espaços, os ambientes virtuais e da sala de aula, que muito pode contribuir nas aberturas de fronteiras que marcam o mundo da comunicação virtual. Todavia, o contexto da atual sociedade do conhecimento é importante observar tudo que envolve a educação exige uma nova abordagem, onde o componente tecnológico não pode ser excluído. Esse componente é de profunda

valorização como meio de informação que permite esse processo de aquisição do conhecimento assume um papel de destaque para que os profissionais estejam cada vez mais preparados para enfrentar o processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva Mercado (2002, p.13) menciona que o “acesso as redes de computadores interconectados a distância permitem que o aprendizado ocorra frequentemente no espaço virtual, e precisa ser inserido às práticas pedagógicas”. O que é visto nas instituições educacionais este enorme desafio, não somente da inserção de novas tecnologias em sala de aula, porém de desenvolver práticas pedagógicas que se aliam a cultura digital dos alunos fazendo uma atitude reflexiva, dinâmica frente as tecnologias que ora marcam esse meio de comunicação.

O professor da era da informação deve rever de forma critica seu papel e sua função de educador, trazendo para si o desempenho da sala de aula tornando-se um ambiente de aprendizagem garantindo seu trabalho em equipe, utilizando novos recursos que a tecnologia oferece na organização e dinamização dos conteúdos. Mas, sabe-se que é um enorme desafio a se enfrentar e superar, a necessidade de adaptação da educação em meio às mudanças geradas na sociedade mediante a uma realidade tecnológica. Diante de tais mudanças sofridas pela sociedade, faz-se inteiramente necessária uma mudança de um ambiente centrado no professor para um ambiente centrado no aluno, na qual o professor como mediador torna-se auxiliar do conhecimento em busca do conhecimento.

No entanto, pode-se considerar essa nova forma de aprender e ensinar, é importante propor uma nova ampliação do sentido de educar repensando a lógica de atuação e organização dos espaços escolares de modo a superar o tradicional no modelo de instrução. Busca-se sempre os planejamentos e métodos didáticos devem privilegiar, sobretudo, a construção colaborativa do conhecimento no qual o professor assuma seu papel ativo como orientador na contribuição de melhores direcionamentos dos alunos. Nesse contexto, percebe-se a necessidade de aguçar nossos recursos de compreensão, investir na transformação das linguagens primando pelo aprimoramento das capacidades de nossos alunos. Pois, os docentes pós-moderno precisam estar em sincronia com a contemporaneidade, deve utilizar a tecnologia em favor de um ensino eficiente e eficaz fazendo do ensino e aprendizagem uma educação significativa.

Para uma educação significativa Lima e Ribeiro (2012, p.36) mencionam “educação significativa está diretamente relacionada a possibilidade de discentes

aprenderem por diferentes formas de aprendizagem/inteligência”. Nesse sentido, o uso de diversos meios e modos de expressão tecnológica fazem com que o ambiente educacional seja um espaço de conhecimento compartilhado. Sendo que a matriz dos instrumentos computacionais tornam o aprendiz parte do processo do ensino e aprendizagem, proporcionando uma interatividade impulsionando a aquisição do conhecimento com base na aprendizagem significativa.

Sabe-se que o uso correto das ferramentas tecnológicas pode e deve representar um grande potencial significativo no processo, desde que apresente coerência em sua estrutura lógica e interna dos conteúdos na compreensão dada a realidade dos sujeitos que aprendem.

Estamos diante de um processo bastante fecundo que não deve ser desperdiçado, considerando a chance de reavaliar, rever e reinventar as instituições educativas por meio de um olhar mais dinâmico, capaz de fundir de forma horizontal a cultura escolar e a cultura digital.

Portanto, longe de resolver todos os problemas que envolvem a problemática educacional, o uso pedagógico das tecnologias é apontado como ferramentas e recursos acessíveis, inovadoras e de grande adesão dos alunos e professores, de ato potencial de rompimento de barreiras. Não deixando de esquecer, medidas poucas onerosas aos cofres públicos de investimentos em conectividade na formação e aperfeiçoamento dos profissionais para que seja direcionada para minimizar as dificuldades e solucionar os problemas provenientes da passividade nas escolas.

3. Os impactos da retomada escolar na vida dos alunos

O fechamento das escolas tem como principal objetivo evitar a propagação da COVID-19 entre crianças e profissionais e subseqüentemente a transmissão para a comunidade. Do ponto de vista da saúde pública, a decisão de fechar ou reabrir escolas deve ser orientada por uma abordagem com base em riscos, tendo em vista o Coronavírus. Deve se considerar a capacidade das instituições de ensino de adaptar seu sistema de funcionamento e operar com segurança, priorizando evitar a transmissão, identificar e diagnosticar novos casos rapidamente, tendo como base a implantação de protocolos de atendimento quando houver identificação de casos no ambiente escolar.

Diante da insegurança sobre o futuro, de não termos previsões ou soluções concretas, o retorno precoce das aulas presenciais é, no mínimo, temerário. O MEC lançou protocolo de Biossegurança para que fosse possível o retorno presencial através de uma cartilha que apresenta medidas de prevenção e segurança às escolas que planejam retomar suas aulas, ressaltando que cada instituição possui autonomia para definir a data da retomada, considerando o que for estabelecido pelas autoridades locais.

Portanto, nesse retorno, o esforço coletivo de diferentes entidades que estão no entorno da escola é de extrema importância, bem como a participação dos profissionais da saúde para auxiliar no entendimento de problemas relacionados não só à Covid-19, mas também aos reflexos dessa pandemia nas famílias, nos profissionais da educação e nos discentes.

A qualidade do ensino e a segurança das pessoas neste momento do retorno às aulas somente serão possíveis se houver compreensão, cooperação e espírito de solidariedade.

O desafio é grande dentro da nossa realidade. Mesmo com o anúncio da retomada escolar em várias partes do Brasil, vemos que as opiniões seguem divididas entre especialistas, professores e pais. Não se sabe se os pais querem mandar seus filhos às escolas sem que a situação da pandemia esteja de fato controlada. Não temos transparência suficiente que mostre que é seguro uma volta às aulas nesse período.

A Nota Técnica nº 05/2020 do Todos pela Educação indica orientações e procedimentos junto à gestão pública, visando contribuir com educadores e escolas sobre a previsão de um possível retorno das aulas presenciais,

As pesquisas indicam que, mesmo com ações bem estruturadas de ensino remoto, a suspensão das aulas presenciais deverá criar lacunas significativas no aprendizado, especialmente daqueles alunos em situação de maior vulnerabilidade (p. 15).

Sobre a situação de vulnerabilidade, pré-existente à pandemia da COVID-19, a tendência, segundo especialistas, é ela se agravar no período pós-pandemia. Isso não significa a derrocada do modelo de ensino presencial, mas uma retomada difícil, não apenas por conta das restrições sanitárias impostas, como também pelas lacunas consequentes desse período e situação. Aspectos como o socioemocional,

evasão escolar e avaliação da aprendizagem precisam ser acompanhados e revistos.

No mês de maio de 2020, o movimento “todos pela Educação”, apresentava um texto com o título “Educação na Pandemia: o retorno às aulas presenciais frente à Covid-19”. O texto reunia as principais mensagens de alerta ao Governo Federal e ao Ministério da Saúde. O teor do texto que levou em consideração dificuldades, crises e desastres enfrentados por outros países, experiência em gestão pública pós-crise, a serem levados em consideração com seriedade pelo Brasil, podem ser resumidos.

Conforme Cardoso (2020, p. 2), em três itens essenciais:

1. As escolas irão se deparar com desafios que só podem ser enfrentados com apoio de outras áreas;
2. Não será uma “retomada de onde paramos”. O plano de ações deve contemplar diversas frentes e demandará intensa articulação e contextualização local;
3. As respostas ao momento atual podem dar impulso a mudanças positivas e duradouras nos sistemas educacionais.

É importante destacar que a reabertura das escolas não deve ser interpretada como um retorno à realidade antes da pandemia, e, sim, como um processo de readaptação segura do ambiente escolar. O guia de implementação dos protocolos de retorno às atividades presenciais nas escolas de educação básica e de vigilância à saúde, elaborado pelo Ministério da Educação, orienta sobre a utilização de equipamentos de proteção individual conforme a ocupação profissional e risco de exposição.

4. O ensino Híbrido

O tempo de pandemia pelo Coronavírus (COVID-19) trouxe uma ressignificação para a educação, nunca antes imaginada. A dor causada pela perda de pessoas, o distanciamento, o isolamento social, desestruturaram o sistema regular e presencial de ensino. A crise sanitária está trazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e comunicação.

As conversas a distância cresceram com o advento da internet e, no Brasil, a comunicação digital se intensificou após a metade da década de 1990, com o aparecimento dos canais de pesquisas e de conversações, especialmente das redes sociais.

De acordo com a Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), a história da educação a distância no Brasil começou em 1904, com uma matéria publicada no Jornal do Brasil, onde foi encontrado um anúncio nos classificados oferecendo curso de datilografia por correspondência (ABED, 2011). Desde então, muito se evoluiu no EAD. Entretanto, oficialmente, a educação a distância surgiu pelo Decreto nº5.662 de 19 de dezembro de 2005, que posteriormente foi revogado.

A sua atualização ocorreu pelo Decreto nº9.057 de maio de 2017, vigente até a atualidade, que define, no seu primeiro artigo:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

A educação a distância (EAD) está oficializada e vigente desde 2005 e, mesmo antes, no Brasil. Como afirma a lei, essa modalidade educacional acontece quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios tecnológicos, com pessoas qualificadas, também com acompanhamento e avaliações compatíveis e que contribuam para alunos que estejam em lugares e tempos diferentes.

Apesar da EAD já ser uma realidade na educação brasileira, ela estava relacionada quase que na sua totalidade para o Ensino Superior, sendo outra parte para os cursos técnicos profissionalizantes. Na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), a regra geral das escolas, quando utilizavam, era apenas como forma de educação complementar, sendo autorizada a EAD para casos específicos do Ensino Médio, especialmente para cursos profissionalizantes. No mais, o parágrafo 4º do art. 32 da Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB) define que “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”.

A COVID-19 nos levou a uma dessas situações emergências. Afastou os alunos, da educação básica e do ensino superior das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente assustados e a reação demorou um pouco acontecer. Surgiram as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a comunidade.

No momento atual, torna-se necessário repensar a educação e todos os seus processos. Já que a educação está sendo modificada pela adaptação docente e discente, acerca de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação.

Nesse contexto de intensificação da pandemia de Covid-19, o ensino híbrido ganha força como alternativa para possibilitar a continuidade da aprendizagem dos estudantes. Embora se fale muito sobre essa abordagem, há uma série de confusões conceituais em torno dela e muitos docentes a desconheciam.

O contato com as novas tecnologias – para a Educação Básica presencial emergencial – causou um lugar de entrecruzamento, de intersecção, denominado por Bhabha (2010) como o “lugar fronteiro”.

Tudo o que é novo causa um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. “Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como ‘estranhamento’”. (BHABHA, 2010, p.20).

Neste sentido, Nestor Garcia Canclini (2003, p.18) disserta sobre hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, ou seja, a troca entre as diferentes culturas, que se torna cada vez mais intensa, na atualidade, em virtude do mundo globalizado em que vivemos e do isolamento social, onde se predispõe uma maior utilização da internet.

A hibridação ocorrida nas relações entre culturas diferentes, ou mesmo, as diferenças dentro da mesma cultura, corroboram para a visualização da hibridação da educação. A educação pós-pandemia passará pelo “estranhamento” entre o presencial e as aulas onlines. Há de se considerar que a volta acontecerá aos poucos, com o retorno gradativo dos alunos, havendo a necessidade da continuação dos meios tecnológicos.

O ensino híbrido é uma das maiores tendências da Educação do século 21, que promove uma mistura entre o ensino presencial e proposta de ensino online – ou seja, integrando a Educação à tecnologia, que já permeia tantos aspectos da vida do estudante.

O trabalho com o ensino híbrido requer que sejam repensadas a organização da sala de aula, a elaboração do plano pedagógico e o controle do tempo na escola.

Além disso, o ensino Híbrido pode ser estruturado via atividades sincrônicas, nas quais o professor e os estudantes trabalham juntos em um horário predefinido de maneira online ou presencial, ou assíncronas, quando o aluno pode estudar em seu próprio tempo e velocidade, sem necessidade de estar com a turma ou o educador. O ensino híbrido busca unir os aspectos positivos das duas metodologias, a fim de oferecer melhores condições de aprendizagem para os alunos.

Então, um aspecto essencial na definição de ensino híbrido, é estabelecer a conexão entre o presencial e o híbrido, unindo as vantagens dos dois meios.

Todavia, para ser aproveitado em potência máxima, o ensino híbrido precisa de capacidades, habilidades e engajamento – tanto de professores quanto de alunos ao lado de amplo acesso à internet

Mesmo com os esforços capitaneados por redes, gestores escolares, professores e alunos para viabilizar o ensino híbrido em 2020, a lista de entraves a serem superados inclui a necessidade de criação e/ou aprimoramento de acesso a plataformas de ensino e ferramentas digitais; a oferta de formação em serviço para professores conseguirem se aprimorar na realização do trabalho nesse novo contexto que a história nos coloca; a promoção do engajamento dos estudantes em torno dessa nova forma de aprender; e o combate à evasão escolar, com ações para o enfrentamento das desigualdades de acesso e à consequente falta de condições de estudos.

5. As aulas remotas

A situação da pandemia provocada pela COVID-19, tendo como consequência necessária à medida de isolamento social, demandou às escolas, num primeiro momento, a suspensão das atividades presenciais. Nesse sentido, as

redes escolares, privadas e públicas, se depararam com inúmeros desafios sobre a viabilização do processo remoto de escolarização.

Sobre o ensino remoto emergencial, Charles Holges et al. (2020) descreve o seguinte:

[...] é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolvendo o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse. O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise (CHARLES HOLGES et al., 2020, p. 7).

Essa definição atende a essa mudança brusca entre o que se pensou fazer e o que de fato seria realizado, além do termo emergencial que acata o que se testemunhou acontecer devido à mudança do cenário. E a busca por soluções rápidas que atendessem as escolas precisou emergir e, embora o termo fosse até então desconhecido por alguns, não se tinha a convicção do seu significado. Assim o ensino remoto surgia como a única possibilidade de ensino considerando que todos estavam isolados e impedidos de ações presenciais nas escolas.

Diante desse cenário, o ensino remoto de emergência resumiu-se a dar aulas gravadas ou ao vivo via plataformas on-line. Gestores, professores, família e educandos ficaram receosos quando à composição dos conteúdos fundamentais e abarcamento das competências gerais da BNCC. As teorias e práticas pedagógicas durante a pandemia da Covid-19 não podem esquecer de:

Compreender, utilizar e recriar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo os professores) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 09)

No entanto, cabe destacar que a realidade em questão chegou de surpresa para todos, os professores tiveram que adaptar todo o seu cotidiano e práticas para atender as demandas educacionais, sem uma formação adequada para lhes garantir o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades desempenhadas neste momento. Sobre o papel dos professores ante a tais informações.

Libâneo aponta que estes:

Assumem uma importância social crucial ante as transformações do mundo atual. Num mundo globalizado, transnacional, nossos alunos precisam estar preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial. Num mundo de intensas transformações científicas e tecnológicas, precisam de uma formação geral sólida, capaz de ajuda-los na sua capacidade de pensar cientificamente, de colocar cientificamente os problemas humanos (LIBÂNEO, 2011, p. 03).

As práticas docentes no contexto pandêmico precisaram ganhar novas dimensões. Com isso, educadores têm vivenciado desafios no trabalho: Utilização de ferramentas tecnológicas, internet com velocidade baixa, manuseio de computador, dispositivos móveis, gravação e edição de vídeoaulas, ambientes de interação virtual no Google Classroom, Meet, Zoom sala de aula e plataformas. Além de todos esses aspectos, é importante destacar as atividades rotineiras dos educadores como: planejamento, registro em diário de classe e reuniões pedagógicas.

O ensino remoto e as práticas pedagógicas não fugiram da reorganização do calendário escolar, reestruturação dos currículos, e das inovações nas propostas pedagógicas. Nesse ciclo emergencial faltou a disponibilização de cursos para os profissionais da educação, a fim de diminuir as questões do acesso, permanência e aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem.

Para Moreira e Monteiro (2012) mesmo em épocas pré-pandemia essa dificuldade de formação docente nessa área se dá porque “as tecnologias digitais carecem de uma permanente formação, porque nessa área, a inovação acontece a todo o momento, o que por vezes proporciona mudanças significativas nas práticas dos professores” (apud MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 355).

As mudanças enfrentadas por toda a comunidade escolar devido ao uso de novas tecnologias pelo campo da educação desprendem professores e alunos do aqui e agora, apontando para outra direção, a virtualização da educação. Com possibilidades e enfrentamentos desconhecidos. Uma revolução na maneira de conceber os espaços, as relações, as emoções e principalmente os indivíduos dos quais fazem parte. Arriada e Ramos (2013, p.49) afirmam que: “É preciso perceber as qualidades, habilidades, sensibilidade e múltiplas experiências que as novas gerações estão vivenciando nas interações que estabelecem nos ambientes digitais”.

Apesar dos novos paradigmas educacionais e da afirmação de que a tecnologia digital quando usada de maneira adequada é importante para a educação

do século XXI, é grande o percentual de professores que ainda não estão preparados para lidar e para manusear essas ferramentas, e muitos alunos também, pois fazer o uso de jogos e redes sociais não indica a apropriação da tecnologia como uma ferramenta educacional.

Essa reconfiguração das aulas no modelo ensino remoto traz novas demandas para a articulação entre escola, educadores e família, pois as atividades são desenvolvidas nos lares. Portanto, outro desafio da escola e dos professores é manter a família ativa nesse processo de participação que acontece em toda a educação básica.

Para isto, TPE destaca:

O envolvimento das famílias é fundamental e, desde que orientado por um olhar realista e cuidadoso, deve ser ainda mais estimulado nesse momento. [...] O fortalecimento da relação família-escola, em especial se sustentado no pós-crise, é uma das principais oportunidades que ora se apresentam (TPE, 2020, p. 12).

O ensino remoto trouxe reflexos das desigualdades sociais que a escola e seus atores vivem no cotidiano, professores sem recursos básicos para preparação das suas atividades, além das fragilidades no manuseio de tais materiais. TPE (2020) corrobora afirmando:

Além disso, a mudança rápida e complexa que o cenário atual exige torna a tarefa ainda mais desafiadora. Dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto são naturais deverão ocorrer de forma ainda mais acentuada no Brasil, uma vez que o uso consistente de tecnologias ainda tem presença muito tímida nas redes de ensino. Exemplos de obstáculos existentes são o desconhecimento sobre a qualidade da maior parte das soluções disponíveis, a pouca familiaridade dos alunos e profissionais com as ferramentas de ensino a distância e a falta de um ambiente familiar que apoie e promova o aprendizado online (TPE, 2020, p. 7)

É fundamental ponderarmos os impactos do uso das tecnologias em sala de aula, no cotidiano escolar, e essa reflexão não é nova, desde as décadas de 1980 e 1990 que se discute acerca do uso de computadores e internet nas escolas, além do uso de outros instrumentos que datam de tempos mais remotos ainda, tais como o rádio e a tv.

Corroborando com essa reflexão, Barbosa afirma que:

O debate sobre os impactos sociais das TIC no sistema educacional não é recente e tem alimentado o fortalecimento de uma agenda para as políticas públicas no campo da educação. Inicialmente focados no provimento de infraestrutura de acesso, os programas de fomento ao uso das TIC no

âmbito escolar têm como ponto de partida uma expectativa de profundas mudanças nas dinâmicas de ensino-aprendizagem – sobretudo na busca pela transformação das práticas pedagógicas e por um aumento do desempenho escolar. (BARBOSA, 2014, p. 27)

No cenário atual, vivemos uma situação atípica, em que o uso do computador (ou celular) e da internet se tornaram essenciais para o cotidiano escolar, a sala de aula foi substituída pelas salas virtuais, a presença física deu espaço a imagem em telas, o contato humano trocado pelas videoconferências ou vídeoaulas. Tudo isso sem que as escolas, alunos e professores pudessem se preparar. Um momento em que, além da preocupação com a vida e saúde, os alunos, professores e demais profissionais da educação também precisam se preocupar em cumprir horários, metas, e tudo o que envolve os regulamentos escolares.

Segundo Joye et al. (2020, p.13) “O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos e apoios educacionais de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo”.

Neste sentido, as aulas remotas realizadas no contexto do coronavírus são atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientam pelos princípios da educação presencial. Aulas remotas oferecem a continuidade da escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que a distância. Normalmente, as lições são encaminhadas às turmas pelos professores de cada matéria, no mesmo horário da aula presencial.

Nesse momento de crise sanitária, pode-se aferir que a educação remota é um princípio importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da Educação.

6. Mudanças de paradigmas na sala de aula

Mudanças é a palavra de ordem no momento atual. A sociedade passa por profundas modificações e nesse contexto encontra-se a educação. Tudo isso, implica profundas alterações na área educacional, afetando a maneira de atuar e pensar dos docentes.

Diante desse contexto, na tentativa de responder as novas demandas, os sistemas de ensino nem sempre se têm um resultado satisfatório, pois são processos lentos e necessitem de um envolvimento em todos os seguimentos da

escola: professores, alunos, família e gestores. Um dos maiores desafios é incluir ferramentas tecnológicas em sala de aula.

A partir da organização das novas interações: família, estudantes, professores e gestores, faz-se necessário dialogar sobre esse paradigma social-tecnológico o qual estamos expostos para não se tornar desconexo da realidade. Isso porque, um modelo educacional se instaurou, mesmo que emergencial, a maneira pela qual a informação é adquirida, a forma de lidarmos com ela, sua manipulação e processo de ressignificação foram drasticamente alterados e a escola precisa se adequar aos novos contextos sociais que emergem (GUALDA, 2019, p. 110)

Tais mudanças aparecem lentamente, porém, a pandemia do COVID-19 trouxe novos desafios, uma quebra de paradigma com intensas transformações nas práticas pedagógicas. O uso de recursos tecnológicos tornou-se o melhor aliado dos professores e gestores.

A escola é lugar para as interações sociais e aprendizagens, e por muito tempo a realidade tecnológica vem tentando se estabelecer nas salas de aula, no entanto escolas e professores são indiferentes a esse modelo educacional e não acompanham de modo satisfatório.

A aprendizagem, de acordo com Moran (2017, p.54), advém formal e informalmente, seja sozinho ou com outras pessoas em grupos presenciais ou online. Então, é certo que a inserção dos meios tecnológicos oferece subsídios ao acesso à informação e à construção de conhecimentos coletivos.

Para Silva, Bilessimo e Alves (2018, p. 127) os dispositivos móveis são ferramentas de laboratórios remotos de qualidade para formação prática dos estudantes.

Smartphones, notebooks e uma infinidade de dispositivos computacionais são parte integrante da sociedade em que vivemos e têm impactado no modo de vida das pessoas, alcançando inevitavelmente a educação. A apropriação dessas tecnologias dinamiza os processos de ensino e de aprendizagem fazendo com que esses não se encontrem limitados ao tempo e ao espaço da sala de aula.

No entanto, a escola está parada no tempo, não consegue se consolidar nesse processo tão dinâmico. Como bem lembra Moran (2017), as instituições escolares estão “off-line” em uma sociedade “online”. Segundo o autor, “a escola parece um museu, um outro mundo, um espaço de confinamento, quadrado, com tempos marcados para cada área de conhecimento, para cada atividade, para cada avaliação” (Moran, 2017, p.66), ou seja, encontra-se retrógrada e ultrapassada, fora do contexto em um mundo conectado.

São gestores, professores, escolas e família insistindo em não encarar essas novas tecnologias de forma natural, todos em posição defensiva, levando-os a inibir o acesso das tecnologias em sala de aula. Porém, nos últimos meses, o processo de ensino e aprendizagem foi reajustado em muitas escolas para um novo modelo – que a maioria dos professores ainda não tinha experimentado.

Esse novo cenário proporcionou a participação mais ativa do estudante, baseado na dimensão relacional com o professor, busca uma aprendizagem mais ativa. O estudante tornou-se o personagem principal e responsável no processo de aprendizagem. O professor é, portanto, responsável por ajustar o planejamento para motivar seus alunos, manter o envolvimento, identificar metodologias e ferramentas adequadas para o ensino, acompanhando e avaliando constantemente.

A suspensão temporária das atividades presenciais trouxe desafios que já estavam postos no cenário educacional, no entanto tornaram-se mais evidentes, necessitando de adequação do ensino-aprendizagem. Estratégias de ensino remoto estão cumprindo um papel fundamental nesse novo cenário. Isso fez com que professores trocassem suas aulas para formatos a distância (ensino remoto), disponibilizando aulas ao vivo em redes sociais, vídeos gravados, envio de materiais digitais aos alunos, plataformas online, entre outros.

Se reinventando, apesar da falta de estruturas necessárias para as aulas em seus lares, estão engajados e determinados em chegar no meio familiar, embora as dificuldades e barreiras encontradas, pois com alteração da dinâmica escolar estão adaptando as atividades domésticas a uma nova forma de trabalho. Por isso, necessitam de acolhimento pessoal, profissional e emocional, como por exemplo, obter orientações e apoio adequado para lidarem com tamanha atribuição.

Diante desse contexto, o poder público deve lançar mão de ações positivas, tanto para os professores como para os alunos, adotando um “querer fazer”, com o intuito de:

[...] reduzir, ao máximo, o risco de ampliação das desigualdades educacionais. Elevar emergencialmente o acesso das famílias mais pobres aos recursos tecnológicos e adotar, em caráter adicional, medidas de ensino a distância que não exigem uso da tecnologia (como o envio de livros e materiais impressos e orientações às famílias para estímulo das crianças e jovens) devem ser considerados. Os alunos de nível socioeconômico mais baixo, que já deveriam receber maior foco da política educacional em situações normais, devem ganhar atenção ainda mais especial neste momento de crise (Nota técnica Educação para Todos, p. 10).

Portanto, esse novo cenário causado pela COVID-19, leva a crer que a crise trará transformações no engajamento, no envolvimento e na determinação do fazer pedagógico, diferente das práticas pedagógicas que tradicionalmente marcam a atuação docente. Espera-se uma melhor relação entre família e escola; mudanças no papel do professor, e conseqüentemente, o uso das tecnologias em sala de aula com metodologias ativas que oportunize situações motivadoras de aprendizagem.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Nesse tópico buscou-se apresentar os métodos e procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Lakatos (2010, p. 35) “apresenta a ideia que a metodologia é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico o qual permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer esfera do conhecimento”.

Para Ludke (1986, p. 25) “aponta que são considerados documentos quaisquer tipos de materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informações”. Complementando com Trivinõs (1988, p. 30), salienta que “na pesquisa descritiva, o investigador deve realizar uma precisa delimitação de técnicas, métodos”.

O trabalho desenvolvido foi pautado na revisão bibliográfica de trabalhos relevantes sobre a temática aqui discutida. O trabalho ficou relacionado a opinião dos autores trazendo teorias que facilitaram o entendimento e a compreensão do assunto. Pesquisou-se em artigos, revistas, livros que fizeram relevantes abordagens da temática.

CAPÍTULO III – ANÁLISES E DISCUSSÕES

Contextualização dos argumentos

Neste item aborda-se sobre as análises dos autores fazendo uma breve reflexão para compreender melhor a complexidade da realidade a qual o trabalho traçou suas matrizes pela literatura recheadas de argumentos.

As conexões transversais possibilitam que outros pontos podem e devem estar conectados a qualquer outro num contexto onde a educação esteja se proliferando e se ramificando através das mais diversas conexões e totalmente aberta ao novo.

Tais ideias e apropriação dos recursos digitais passam pela necessidade, não só repensar os métodos de ensino, mas também reavaliar as novas formas de construção dos conhecimentos, capacidades e habilidades que se constituem a partir de uma realidade já existente em torno da cultura na qual estão inseridos os jovens, nativos digitais.

Os desafios que ora é discorrido no trabalho, é notório observar que não é somente aos professores, mas para todos os sistemas educacionais contemporâneos de modo geral. Nesse contexto é importante que gestores e educadores estejam atentos e compreendam que a dimensão e a democratização das tecnologias permite transcender um modelo vigente, que privilegia a verticalidade na transmissão do conhecimento e sua suposta assimilação para um novo modelo pedagógico, cujo funcionamento se baseia na aprendizagem colaborativa, na abertura para a diversidade dos saberes, e, sobretudo, nas múltiplas formas de conexões que em tempos atuais estão presentes em sala de aula.

Alguns fatores são emblemáticos em enfatizar a importância das estratégias dos dispositivos como ferramentas capazes de dinamizar e potencializar o ensino e aprendizagem. O novo terreno que proporciona a utilização desses recursos, além de ampliar o acesso ao campo temático da educação, também coloca em contato com diferentes abordagens e conceitos que permitem ir além da discussão da sala de aula.

A mídia e tecnologia fazem parte do processo de ensino aprendizagem com a mediação do docente nas atividades pedagógica. Serrano (2015, p.27), destaca, “Tecnologias não são somente equipamentos ou aparelhos, como explica a

expansão da palavra tecnologia se refere a totalidade das coisas, conhecimentos, princípios científicos, planejamento, enfim processos, métodos e domínios da atividade humana”.

Diante do contexto, as ferramentas tecnológicas podem nos proporcionar acessos diversificados como livros online, vídeos, dentre outras possibilidades, que por sua vez podem enriquecer consideravelmente as aulas com a mediação do docente onde pode despertar mais interesse pelos conteúdos. Com o despertar de inúmeros conteúdos, existem diversos e são muitas as possibilidades de utilização pedagógica. Porém, a conectividade ainda se apresenta como um complicador quando se trata da utilização das tecnologias em sala de aula.

Constatando tais análises através das literaturas, é possível verificar a realidade vivenciada pelo contexto educacional traz consigo um aspecto altamente potencializado pelo uso das tecnologias, que a possibilidade de encontrar tudo e muito mais ao alcance de um clique. O professor acompanhado de suas ferramentas facilitadores consegue buscar e ganhar espaços e audiência entre os demais, proporcionando a otimização de tempo, a facilidade de acesso aos conteúdos e informações necessárias para a construção do conhecimento.

Ressaltando o nosso diálogo, a autora Pinheiro, em sua obra Direito Digital, informa que “a sociedade da informação seria regida por dois relógios: um analógico e um digital”.

Citando a autora Pinheiro (2016, p.251), esclarece:

O analógico seria aquele cuja agenda segue um tempo físico vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O relógio digital seria aquele que cuja agenda segue um tempo virtual que extrapola os limites das horas do dia acumulando uma série de ações que podem ser realizadas simultaneamente.

Por meio desta análise a sociedade da informação permite que cada vez mais seus participantes executem mais atividades, acessem mais informações, ultrapassando limites de seus fusos horários, considerando como um tempo paralelo, ou seja, o tempo digital. É perceptível que a velocidade e a quantidade com que a informação circula no ambiente digital causa uma sensação generalizada por falta de tempo para que a maioria possa absorver e usufruir da tamanha oferta, tendo em vista o modelo tradicional se perpetua em nosso meio.

Para Kenski (2007, p. 32), discorre:

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e como encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o esclarecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes.

O ponto de vista recai no princípio da conexão, cada indivíduo e cada objetos estão repletos de potencialidades, que só se realizam de acordo com encontros, promovendo saltos, rupturas e conexões com outros, contanto com múltiplas referencias na constituição de um conjunto de redes de significados que adquirem cada vez mais sentidos em seu cotidiano.

Sentiu-se na pele o enorme desafio de aquedar as aulas híbridas e remotas durante o período de pandemia, afetou a todos de uma maneira gigantesca de todos tivemos que rever os conceitos de ensinar e aprender nesse processo.

Portanto, o sucesso na utilização das tecnologias está direta e indiretamente relacionada a atitude, competência e conhecimento dos professores e alunos, uma vez que compreendam a importância de uma sala de aula conectada em meio a dinâmica tecnológica e social vivenciada e adequada ao seu tempo e contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou abordar sobre a questão dos desafios do ensino e aprendizagem durante este momento delicado de pandemia. Colocou-se uma problematização que é muito eminente nos dias atuais sobre as tecnologias no contexto educacional, especificamente na prática docente.

A sociedade contemporânea para o dilemas e desafios constantes, a inserção da tecnologia como auxílio pedagógica nas escolas e salas de aulas dando voz aos sujeitos envolvidos e apontando potencialidades como elemento fundamental para um modelo de educação do século XXI.

Todavia, a pertinência desse recurso ganhou proporção nesse momento de pandemia, na qual as escolas fecharam as portas com maior emergência. As instituições de ensino não estavam reparadas para lhe dá com enorme desafio. Os professores perceberam que realmente não estavam preparados para enfrentar esse processo, não tiveram saída, não apresentaram alternativas para suprir essa necessidade. De certa forma, não tínhamos noção do tamanho e proporção desse dilema.

Nesse contexto, refletiu-se inúmeras situações sobre está temática que nos é de fundamental importância, apropriamos dos fundamentos teóricos que envolvem essa pesquisa, considerando que pensar educação a partir da perspectiva de superação exige um esforço conjunto. Permite um imenso salto em relação à compreensão do novo modelo de comunicação e do fluxo informativo oriundo do advento das tecnologias, tendo em vista que as escolas e alunos se apresentam como um ponto de conexão que se comunicam o tempo todo.

Durante esse período de isolamento social ficamos obrigados a nos afastar de inúmeras atividades, principalmente as escolares. Muitas escolas começaram a se reinventar sobre novos olhares, buscando novas metodologias, métodos e estratégias novas alternativas de ensino, como híbrido e o remoto. Encorajados pelo paradigma emergente, espera-se que o mundo globalizado exige que as instituições educacionais, sala de aula e professores estejam preparados para receber os novos recursos tecnológicos e midiáticos para suprir tais necessidades, embora seja um enorme desafios para a maioria dos profissionais envolvidos.

O cenário atual é bastante delicado, embora alguns professores adotam recursos tecnológicos em suas aulas, muitas ferramentas são sofisticadas e

inovadoras, mas continua sendo um dos principais desafios do aprendizado dentro da sala de aula. A nossa realidade ainda vai contra de muitos dos autores, a carência da internet, muitas famílias sequer tem aparelho celular para receber os materiais de estudos para os filhos, e fica difícil ensinar e aprender dessa forma, onde existe uma deficiência por parte do seu público e outra por parte dos gestores por falta de políticas públicas para a educação.

Enfim, longe de resolver todos os problemas que envolvem a problemática educacional, o uso pedagógico das tecnologias é apontado por parte deste estudo como uma ferramenta acessível, inovadora nesse período de pandemia. Que os investimentos em conectividade as escolas sejam revistas para não atrapalhar o desempenho dos alunos durante seu processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABED, Associação Brasileira de Educação a Distância: conceitos e histórias no Brasil e no mundo. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2011. Disponível em: http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2011/artigo_07.pdf Acesso em: 19 Jun. 2021.
- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a interfaces Científicas- Educação, v. 8, n3, pág.348-365, 2020.
- ARRIADA, M.C.; RAMOS, E.M.F. Redes de aprendizagem Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.
- BARBOSA. A.F. (coord). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informações e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013.2014. Disponível em:http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico. Pdf. Acesso em: 20 Jun. 2021.
- BAUMAN, Z. La cultura como práxis. Buenos Aires. Ed. Paidós, 2012.
- BHABHA, Homik. O local da Cultura. 5ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- BOTO, Carlota. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. Jornal da USP. 8 de abr. de 2020. Disponível em: <http://portal.if.usp.br/imprensa/node/2399>. Acesso em: 19 Jun. 2021
- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em:21 Jun. 2021.
- BRASIL. Presidência da Republica. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARDOSO. Beatriz. Desafios para a educação pública agora e depois da covid-19. Disponível em: http://fundacaofhc.org.br/iniciativas/debates/desafios_para_educacao_publica_agora_e_depois_da_covid-19. Fundação FHC, 08 de maio de 2020/transmissão-online_via Zoom.
- CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. *Volume 3: Fim de Milênio*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

— Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. (Revogado). Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

— Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

FORQUIN, J-C. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guarcira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOLDBACH, T., MACEDO, A. G. A. Olhares e tendências na produção acadêmica nacional envolvendo o ensino de genética e de temática afins: contribuições para uma nova “genética escolar”. Encontro Nacional de Pesquisas em Ensino de Ciências, 6, Atas. Florianópolis, SC, 2007. Disponível em: <http://www.fep.if.usp/profis/arquivos/vienpec/CR2/p.545.pdf> Acesso em: 18 Jun. 2021.

GUALDA, Linda, Catarina. Educador 4.0: impactos da revolução tecnológica na prática docente. Revista de Humanidades Tecnologia e Cultura. Faculdade de Tecnologia de Bauru, v. 9, n. 1. Dez. 2019.

HOLGES, Charles et al. A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizado on-line. Disponível em: http://er.educause.edu/articles/2020/3/the_difference_between_emergency_remote_teaching_and_online_learning/. Acesso em: 19 Jun. 2021.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S.S.D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e521974299, 24 de maio de 2020.

KENSKI, V. M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 42, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, P. S.; RIBEIRO, T. N. A utilização dos blogs como recurso pedagógico nas aulas de química: as concepções manifestadas por discentes sobre a utilização da tecnologia. In: VI Colóquio Internacional “Educação e contemporaneidade”. Sergipe, set. 2012.

MÉDICI, M. S.; TATTO, E. R.; LEÃO, M. F. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. Revista Thema, v. 18, n. ESPECIAL, p. 136-155, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/1837/1542>. Acesso em: 18 Jun. 2021.

MERCADO, L. L.(org.). Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

MORAN. J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2009.

MORAN, José Manuel. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Papirus Educação. 2000.

MORAN, José Manuel; José Manuel. Como transformar nossas escolas Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. In: Educação 3.0: Novas perspectivas para o Ensino. CARVALHO, M. (Org). Como transformar nossas escolas Novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. Porto Alegre, Sinepe/RS/Unisinos, 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 22 Jun. 2021.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES. S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede em tempos de pandemia. Revista Dialogar n. 34, p. 14, 2020.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do presente. In: MORAES, Maria Cândida; DE ALMEIDA, Maria da Conceição (Org). Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: wak, 2012, p. 33-45

NOTA TÉCNICA. O retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da COVID-19. Todos Pela Educação. maio/2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. TedrosAdhanomGhebreyesus. Disponível em: <http://twitter.com/DrTedros>. Acesso em: 21 Jun. 2021.

ROSA, R. T. N. Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus- o COVID-19. Rev . Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil Volume VI, Número 1, Julho de 2020. INSS 2594-7672. Disponível em: http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%20%202020%20Rosane%20Rosa/.pdf Acesso em: 18 Jun. 2021.

SEABRA, C.O. O celular na sala de aula. Wordpress, mar.2013. Disponível em: http://cseabra.wordpress.com/2013/03/03/o_celular_na_sala_de_aula/. Acesso em: 18 Jun. 2021.

SIBILIA, P. Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão. Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Juarez Bento; BILESSIMO, Simone Meister Sommer, ALVES, João Bosco Mota. Integração de tecnologia na educação utilizando experimentação remota

móvel. In: FIUZA, Patricia Jantsch; LEMOS, Robson Rodrigues (Org). Inovação em educação: perspectivas do uso das tecnologias interativas. Jundiaí: Paco, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1988.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica: ensino a distância na educação básica frente à pandemia do covid-19. s/d. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/Nota%tecnica%20TPE%20ensino%20retrato.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

UFRGS. Telesaude Rs. Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?, 2020. Disponível em: http://www.ufrgs.br/telesaunders/post_coronavirus/qual_a_diferença_de_distanciamento_social_isolamento_e_quarentena/. Acesso em: 17 Jun. 2021.

UNESCO. ChildrenWithDisabilites. 2012. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/education/themes/strengthening-systems/inclusive-education/children-With-disabilites/>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO). Unicentro disponibiliza cursos sobre ferramentas de educação não presencial. Disponível em: <http://www3.unicentro.br/irati/2020/04/08/unicentro-disponibiliza-cursos-sobre-ferramentas-de-educação-não-presencial/>. Acesso em: 21 Jun. 2021.